



BRASÍLIA 06/07/08 DEZ/2023

**PROXIMIDADES
DISTANTES**
V SEMINÁRIO
INTERNACIONAL
AEAULP
ACADEMIA DE ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**STRONG AND WEAK TIES:
Covid-19 e os laços de uma realidade hiper-híbrida no binômio
casa-cidade**

VENANCIO, Leonardo V. & ROCHA, Bruno M.

Universidade Federal do Espírito Santo; Universidade Federal do Espírito Santo
leovalbao@gmail.com; bmassara@gmail.com

RESUMO

O exílio advindo da pandemia do Covid-19 irrompeu na transição drástica das atividades humanas presenciais para o meio digital, hiper-hibridizando o espaço físico, o espaço digital e a vida (Santaella, 2021). Os efeitos disso implicaram na sociabilidade por proximidade (Barbosa, 2021), visível em diferentes esferas socioeconômicas no mosaico territorial brasileiro. Este trabalho analisa os efeitos reais da pandemia na produção do estado de presença no binômio casa-cidade, sob a primazia do possível enfraquecimento dos laços sociais (*strong and weak ties*) gerada pelo processo de entronização (Lindon, 2006), isolamento e distanciamento. Entende-se que a realidade social humana hoje é fundamentada pelo hiper-hibridismo físico-real na maior parte das esferas sociais que habitamos e que conectar o mundo em rede não torna o espaço físico irrelevante, mas muito pelo contrário, gera efeitos que são materializados em arquitetura e em urbanismo. A pesquisa destaca que a força dos laços, principalmente os laços fracos, depende das relações de proximidade física, mas que existe um *background* macrossociológico, impacto econômico e fatores políticos que implicam na tenacidade destes laços.

Palavras-chave: Pandemia; Hiper-Hibridização; Binômio Casa-Cidade; Laços Fortes e Fracos; Produção de Presença.

Eixo temático: 1. A Cidade numa Sociedade Pós-Pandêmica

1. Introdução e Metodologia

De alto impacto na relação binomial casa-cidade, o Covid-19 deixou marcas que precisam ser revisitadas para pensar o futuro, principalmente pelo alto grau de propulsão/aceleração digital desencadeado pelos tempos pandêmicos. Entendemos que a relação de complementaridade entre os espaços públicos e privados na vida cotidiana é fruto da interação espaço-temporal entre dois campos de ação humana de escalas e comportamentos distintos: um representado pelo ambiente da casa, doméstico e outro pelo ambiente urbano, nas ruas da cidade. Embora distintos, a partir da “Teoria Geral dos Sistemas” é possível definir o binômio casa-cidade em sua totalidade, ao qual o conjunto de seus elementos físico-simbólicos funcionam interligados em um único sistema de interação (Von Bertalanffy, 1975). Apoiados sobre o binômio, a Figura 1 sintetiza o processo de pensamento a ser apresentado. A cidade, formada por demarcações físicas, simbólicas e territoriais-existenciais (concepção de território menos arraigada aos limites político-administrativos, mas sob a vivência condicionada ao espaço), vem passando, no decorrer das últimas décadas por um processo fragmentário, gerando como resposta a entronização - ação de entrar e isolar do meio externo (Lindon 2006; Harvey, 2001). Com o Covid-19, as cidades precisaram lidar com a casualidade e a emergência daquele momento, gerando a perda do sentido de território, uma desterritorialização abrupta advinda das quarentenas. O fato corroborou ainda mais na opacidade das linhas territoriais, que pairando sob a desordem, entronizou os territórios-existenciais para o interior da casa. Desta maneira, a casa ganhou novos contornos para abarcar a reterritorialização em resposta aos fatos ocorridos (interiorização da vida pública). Mas a partir do acúmulo de funções que passou a ocorrer dentro de seus limites, recorreu-se aos meios digitais como forma de ampliar a reterritorialização durante o exílio, redesenhando o contorno da casa enquanto espaço público dentro do espaço privado.

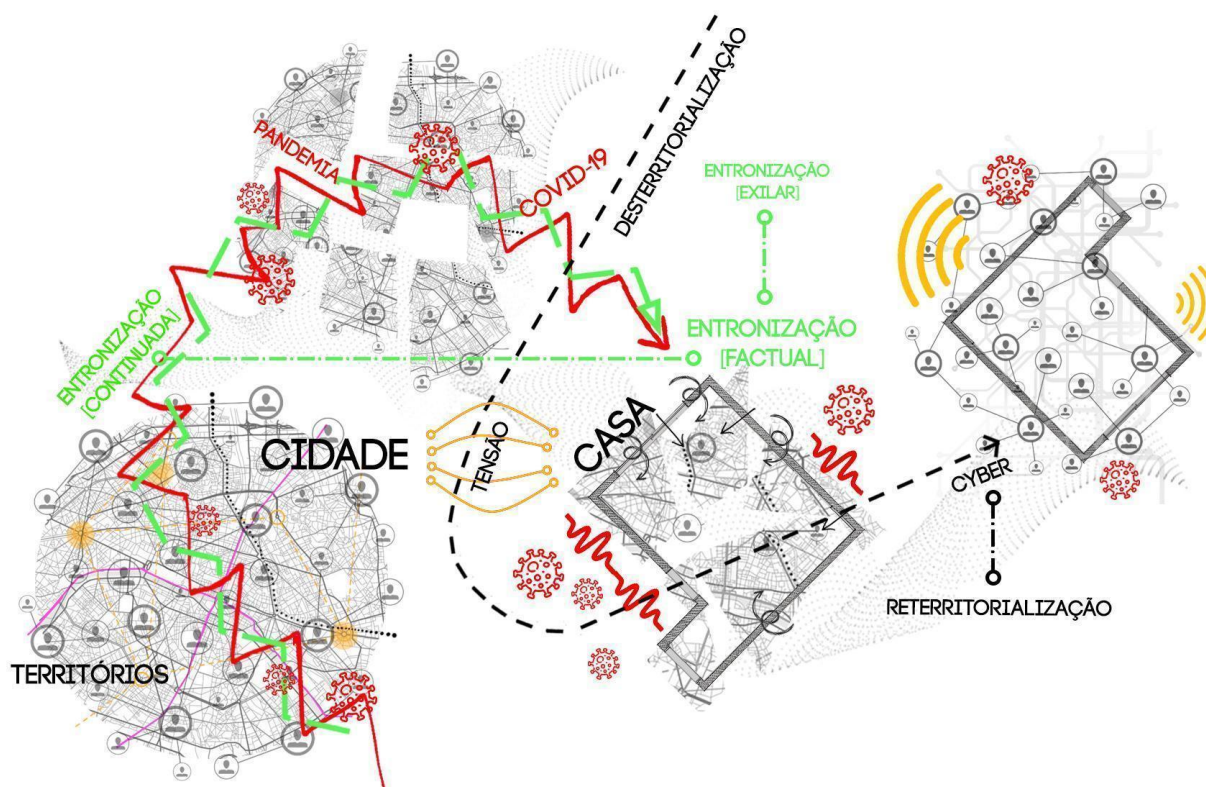


Fig. 01. Fonte: Criação própria com base em Barbosa (2021), Beiguelman (2020), Harvey (2001) e Lindon (2006).

A transição drástica das atividades humanas presenciais para o espaço digital durante o exílio, hiper-hibridiza o espaço físico, o espaço digital e a vida (Santaella, 2021). Desta forma, uma porção extensa e crescente da sociedade que vinha progressivamente incorporando o uso do espaço digital ao longo do tempo, de forma abrupta se tornou mais digital do que nunca. Sob tal premissa, objetiva-se neste trabalho analisar os efeitos

reais e potenciais gerados pelo processo de isolamento e distanciamento, sob a primazia do possível enfraquecimento dos laços sociais (*strong and weak ties*) e na tentativa de produção de presença, mediados por *videochats*, *lives* e plataformas de interação social online. Este objetivo está atrelado à possibilidade de simulação de realidade alternativa via telecomunicação, que alarga o conceito de presença condicionalmente virtual e desequilibra a interação social por proximidade. Através do método qualitativo de revisão bibliográfica interdisciplinar, a metodologia se apoia na heurística, ou seja, na aproximação atenta a fenômenos singulares durante a pandemia que possuem função catalítica na construção de um procedimento intelectual de pesquisa e questionamento. Para isso serão demonstrados exemplos de diferentes realidades socioeconômicas/espaciais que a pandemia realçou, desde casos dos *home offices* à casos de pessoas em situações de moradia precárias.

2. Fundamentação Teórica: A experiência pandêmica através da produção de presença no espaço

Uma das suposições mais comuns sobre o espaço é que a organização espacial humana advém da elaboração dos comportamentos comuns através de uma hierarquia de diferentes níveis. Desta forma, desde o interior doméstico até à cidade, assume-se que cinesias sociais ou psicológicas moldam o espaço (Hillier e Hanson, 1989). Hillier e Hanson (apud) supõem que esta organização espacial surge do “*continuum*” diário, ou seja, o binômio casa-cidade é um sistema que se retroalimenta a partir do movimento das pessoas por seus espaços na situação de rotina do ir e vir, gerando um sentido de escalabilidade diária.

Através da escalabilidade construída cotidianamente no espaço pelo conjunto de pequenas interações e respostas emocionais, a experiência condicionada naquele local se fortifica, ou também, muda na relação tempo-espaço, construindo em si o sentido de “presença” (Schmid e Schneider, 2022). Quando a população mundial foi designada ao distanciamento social, colocaram-se em contraponto três pilares básicos do binômio casa-cidade como pontos existenciais: a experiência do corpo humano - um corpo de potencial hospedeiro virulento, transmissor ou doente -; a cognição humana e sua percepção ambiental; e a condição de reterritorialização entronizada na casa. Independente da classe social, os corpos sofreram exercícios de poder (restrição, coerção, aflição, embaraçamento, higienização, entre outros) que criaram ou ressaltaram impactos simbólicos na casa e na cidade.

Esta noção de poder tem consequências na forma como pensamos sobre as ligações entre o poder e os edifícios. É evidente, por exemplo, que facilitar o exercício do poder, particularmente nas suas formas “disciplinares”, pode ser a principal função de uma arquitetura (como prisões e asilos). Por outro lado, os próprios regimes podem estar dependentes da existência dos edifícios (Markus e Cameron, 2002) e que no caso da pandemia, a casa se tornou a arquitetura de controle (somados ainda a vigilância digital). Vale pensar que mesmo quando o poder não é simbolizado na forma arquitetônica e nem colocado em primeiro plano na sua função, ele está sempre ligado à articulação do espaço, assim o poder extrapola a fronteira da casa e ocorre na cidade durante a pandemia: com os espaçamentos entre os corpos, com a delimitação de onde e quando era permitido frequentar e até mesmo o uso da máscara. O intuito aqui não é subjugar a validação das medidas adotadas, mas sim como o exercício do poder estava atrelado ao binômio casa-cidade.

O confronto da experiência e o sentido de percepção durante a pandemia geraram uma predisposição emocional de maneira extremamente excessiva com base no medo e nas sensibilidades superpostas umas às outras (Barbosa, 2021). A primazia de estar quarentenado, horizontalmente aplicada a todos, condiciona a produção de presença ao exílio e determina a não ultrapassagem da fronteira da casa, restringindo o corpo ao enclausuramento no espaço doméstico. A condição corporal de cada indivíduo induz e impõe interpretações do espaço vivenciado através da movimentação, conduzida pelos sentidos e as limitações ao qual o corpo é refém. Movimentando-se entre a casa e a cidade, permitem-se mudanças de perspectivas e composição de experiências, que conjuntamente compõem a sensação global da casa em si (Fiori e Schmid, 2020). Este sentido global é convertido em presença, constituinte das raízes do ser e estar no espaço

construído. Na quarentena, quando se cria o estado de presença enclausurada, que não desencadeia no retorno livre à cidade, a presença se torna sobreposta e condicionada aos usos do espaço (a sala de jantar é também espaço de trabalho, que também é espaço de refeição, que também é espaço de conversa em família, que também é local de estudo). O grupo social que sentiu grande efeito sobre a presença enclausurada (apesar da quarentena destinada à todos), foi a população idosa. Quando houve um *boom* de disseminação do coronavírus em seu primeiro epicentro, ocorrido na Itália, a maior população afetada no local foram os idosos. Apesar de no Brasil eles serem altamente acometidos aos piores desfechos, alguns estudos apontam que a classe econômica mais baixa era quem mais apresentava maior índice de mortalidade, independentemente de ser idoso.

O desconforto advindo do enclausuramento, a inadaptação do espaço residencial e a restrição da movimentação, tornaram a produção da presença irregular, pela falta ou dificuldade do ir e vir. A cidade sugere estados emocionais que estimulam ações predefinidas pelos usos (estado ativo de aprendizado na escola, festivo em uma casa de shows, entre outros). Sair da casa e se expor ao externo, como ir ao trabalho ou entretenimento, necessita de um estado emocional e uma experiência que transite, em diferentes intensidades, entre o conforto e a aventura, para que a atividade humana se realize em sua plenitude: “presos no ambiente habitacional sentimos tédio, enquanto, se fôssemos impedidos de voltar à casa, provavelmente, nos sentiríamos exaustos”. A falta de variedade de sensações ou a sobreposição delas conduzidas no espaço é uma forma de compreender por que somente a casa não é suficiente para todos os estados mentais e atividades. Quando não há mais a possibilidade da regulação da presença responde-se com insatisfação ao espaço construído, significando que: ou a casa não é construída de forma a habitar (o que também reluz no grande problema da precarização das moradias), ou o habitar reflete a essência de cada indivíduo, que não aprecia essa autoimagem (Fiori e Schmid, 2020).

Quando a presença se torna irregular e enclausurada, a carga psicossomática aplicada ao espaço são amplificadas no habitar da contra-presença. Este estigma não é necessariamente a ausência, pois a presença continua sendo produzida (e superposta entre si). Com base no grau de hostilidade do/no ambiente doméstico - seja de formação inicial ou de criação ao longo do tempo -, a contra-presença surge da vontade de não estar ali subjugado aos sentimentos negativos de exílio, cansaço e estresse. Três são os exemplos visíveis: (1) levando em consideração as questões de moradias sem espaços mínimos e decentes de habitação, a partir do momento em que a casa mal fornece condições básicas da vida ou ser um espaço coabitado por muitas pessoas, revelou-se a contra-presença na hostilidade do espaço inepto. (2) A relação da casa e da mulher na quarentena: na pandemia houve um aumento significativo da violência doméstica contra mulheres, aumento da síndrome de *burnout* feminino e conflito constante entre trabalho-família (Bezerra et al., 2020). (3) A relação das crianças e adolescentes com a pandemia: embora em idade pediátrica a doença tenha clinicamente se apresentado mais ligeira e com melhor prognóstico relativamente aos adultos, em curto e médio prazo, a média dos escores de estresse pós-traumático foi quatro vezes maior em crianças em quarentena (Lucas et al., 2020).

Uma das formas mais abordadas na produção da presença durante a quarentena foi a simulação da presença digital ou telepresença. Diferente dos apontamentos anteriores, a telepresença rompe com a fronteira da casa na sua forma de abstração mais pura, apesar do corpo permanecer exilado. No contexto digital, as relações sociais não são tratadas como “dadas”, mas como algo que pode ser “melhorado” ou “gerado” e “implantado” para fins práticos. Estudos atuais das mídias têm criticado esta codificação instrumental da sociabilidade, uma vez que vai contra pressupostos e valores profundamente arraigados, tais como a noção de que sustentar as relações sociais é um “fim em si mesmo” (Marres, 2017).

3. Análises

3.1 - Morfologia das Redes: Entre os laços fortes e fracos

Pode-se dizer que as redes de sociabilidade, sejam no espaço físico do binômio casa-cidade ou sejam no meio digital, são morfologicamente compostas por três características básicas: (1) os nós, que são as pessoas ou grupo de pessoas, (2) os laços, que são as ligações entre estes nós, e (3) os fluxos, o contato e a troca de informação entre nós. Vejamos daqui para frente os laços dessas redes. De acordo com Granovetter (1973), os laços são criados a partir da vivência física na cidade, pautados no contato direto ou indireto entre pessoas presentes em determinados locais (por proximidade ou distância). Os laços surgem da predisposição emocional pelos arranjos espaciais criados através do *continuum* de escalabilidade diária: a comunicação do corpo com o espaço, entre pessoas, e a produção do sentido de presença. Para Granovetter (1973), os laços podem ser divididos em ausentes, fortes e fracos (*strong and weak ties*), em que os laços fortes se alimentam da relação de determinados grupos de pessoas com maior intensidade emocional de vínculo, similaridades e coesão entre si; e os laços fracos são ínfimas pontes que podem ocorrer de alguma forma entre esses grupos, pois são indivíduos distanciados. Enquanto os laços fortes ocorrem entre pessoas próximas/conhecidas, os laços fracos advêm dos acasos que ocorrem no binômio casa-cidade.

O ponto chave do discurso do autor é a sugestão que a transmissão de novas informações em redes no sistema casa-cidade depende tanto dos laços fracos quanto dos laços fortes e os conceitos de rede/laços migram fortemente para o meio digital. O grau de sobreposição das redes digitais de interação de dois indivíduos varia diretamente com a força de seus laços um com o outro. O autor propõe uma análise em contraste do comum, ao qual os segmentos da estrutura social não são facilmente definidos em termos de grupos primários: quanto maior a força do laço entre duas pessoas, maior a chance de que o círculo de sociabilidade seja comum (*cluster*) e que a mensagem fique apenas naquele círculo, não atingindo outros círculos de relacionamentos.

Indivíduos com poucos laços fracos são privados de informações “de partes mais distantes de seu próprio sistema social, consequentemente, estarão limitados ao conhecimento ou às informações originadas pelos seus amigos íntimos”. Sem conexões corriqueiras - cotidianas - na construção dos laços fracos, a tendência da população é permanecer confinada em seus *clusters*. Mas o advento da internet remodelou em parte essa lógica. Se por um lado o desenvolvimento das comunidades virtuais ou redes sociais ampliou as possibilidades das pessoas em construir seus laços fortes e fracos na variedade de contatos e recursos, em que antes contava apenas em uma única comunidade refém do contato físico, por outro lado, a internet transformou a sociabilidade de grupos locais em grupos dispersos geograficamente, mas de baixa coesão, agrupados em torno de interesses específicos (o que fortalece em sua maioria os laços fortes) (Kaufman, 2012). Com a escalabilidade cotidiana rompida pela quarentena, os laços fracos permeados pela cidade foram amplamente cessados, demonstrando que o rompimento do *continuum* revela a face frágil dos laços fracos. A partir da proposta de análise de Granovetter (1973), a seguir serão demonstrados dois exemplos da atuação de laços fracos na sociabilidade durante a pandemia, principalmente relacionados ao meio digital, exemplos estes que são de diferentes naturezas socioeconômicas.

3.2 - Laços fracos ainda mais fragilizados pelo *Home Office*

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou que, durante o segundo trimestre de 2020, 17,4% dos trabalhadores do mundo eram trabalhadores de casa, uma diferença significativa em relação ao cenário pré-pandemia, em que apenas 7,9% da força de trabalho global adotava esta modalidade (Soares e Berg, 2021). Percebe-se também que o *home office* foi adotado por muitas empresas como modelo de negócio, deixando de ser algo transitório. De acordo com a pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Administração (FIA), o trabalho em casa foi adotado por 46% das empresas no Brasil durante a pandemia (Agência Brasil, 2020). Apesar do regresso dos números mais atuais de trabalho remoto no Brasil, eles não regridem para o nível pré-pandemia e reafirmam a conduta de empresas que realmente adotaram esta forma

de administração (Idem, 2021). O lar há muito tempo tem exercido uma função quase instrumental de abrigar os moradores temporariamente entre uma jornada de trabalho e outra. Nesta perspectiva, a mudança abrupta da rotina advinda da quarentena obrigou a uma parcela da população o exercício do trabalho em casa, reorganizando arranjos internos e forçando a convivência continuada entre seus habitantes, extinguindo a separação entre os modos de morar e os modos de trabalhar. A extinção da dicotomia entre a jornada de trabalho versus horário de lazer ou descanso acelerou uma transformação social onde os modos de morar e os modos de trabalhar não apenas se confundiram, mas foram se homogeneizando como medida durante e para além da quarentena (Silveira, Rossi e De Vuono, 2020).

A telepresença amarra a realidade social humana baseada na hiper-hibridização entre digital e físico na maior parte das esferas sociais que habitamos, ou seja, conectar o mundo em rede não torna o espaço físico irrelevante, mas muito pelo contrário, gera efeitos que são materializados em arquitetura e em urbanismo. Desde que o homem começa a criar vida pública na *pólis* (cidade grega), percebe-se que o *continuum* baseado em sair de casa em direção a cidade e ao final do dia voltar a ela, começa-se a ordenar espaços a partir da vida social. A ascensão capitalista na história também demonstra que as relações de trabalho moldam os espaços urbanos. Exemplificando, cidades operárias surgiram ao redor das indústrias com os processos de industrialização (Hillier e Hanson, 1989). Pensar que a pandemia potencializou o processo de misturar os modos de morar e trabalhar, exigindo uma readaptação interna da casa (estações de trabalho, fornecimento de suprimentos e maquinários próprios para trabalhar e etc), na cidade, a vida social passa a diminuir os ritmos do casa-trabalho/trabalho-casa, pois são cada vez mais concentrados dentro de casa, tornando assim a casa uma barreira física para criação de laços fracos.

Essa homogeneização e distanciamento entre pessoas que trabalham para um mesmo local/empresa/função atrapalha a criação do tipo de conexão dos laços fracos. O *Senseable City Lab* (Carmody et al, 2020), da *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), criou durante a pandemia o projeto “*Proximate*”, propondo estudar a rede de troca de e-mails do MIT antes e depois da universidade implementar o bloqueio obrigatório devido o Covid-19. Eles analisaram os hábitos de comunicação de 2.834 professores e pesquisadores de pós-doutorado em mais de 100 unidades universitárias para entender a formação de novos laços fracos entre essas pessoas. De acordo com as respostas obtidas pelo estudo, os autores perceberam evidências de que a perda de proximidade do local de trabalho durante o bloqueio impediu os pesquisadores do MIT de construir novas conexões entre grupos que estimulassem o intercâmbio de informações, chegando à conclusão de que a formação de laços fracos é facilitada pela proximidade física. O exemplo citado de *home office* reforça que a predição de sociabilidade digital não é de tudo “social”, e Marres (2017) chega a apontar que a organização da sociabilidade serve, antes de mais nada, aos fins das indústrias digitais e dos seus clientes, e não principalmente aos das comunidades e outros agrupamentos sociais.

Trabalhos recentes, como o de Di Marino et al. (2023), indicam que a lógica do fortalecimento dos laços fortes e fracos relacionados ao ambiente de trabalho devem ser considerados no planejamento urbano daqui para frente. Os modos de morar e trabalhar vão continuar existindo em veios hiper-híbridos, mas a cidade deve fornecer espaços de trabalho que criem uma realidade híbrida de usos não apenas dentro de casa, mas em espaços permeados na cidade. Os autores apresentam o caso da cidade de Oslo, na Noruega, que vem pensando no planejamento urbano híbrido, ao qual a proposta (apesar de ainda muito corporativa), integre espaços de “*coworking*” pela cidade em pontos focais, exercendo nestes espaços não apenas locais de trabalho, mas locais de eventos cívicos, públicos e educativos. A proposta necessita de maiores avanços, mas é possível afirmar que ela busca em seu cerne reacentuar a criação dos laços fracos (e fortes também).

3.3 - A força dos laços fracos na sobrevivência das comunidades precárias

Entende-se que a precariedade é um subproduto da expansão capitalista dos modos de produção, trabalho e moradia, com marcas profundas na história mundial e brasileira. As medidas preventivas de isolamento social e distanciamento revelaram que estas formas de combate são mais difíceis de manter em moradores que vivem predominantemente de trabalhos manuais, que não possuem internet de qualidade e vivem na escassez de água potável. Residências lotadas e com famílias dividindo pequenos espaços não seguem o

caminho de segurança sanitária determinado pela OMS, expondo o antigo problema da moradia brasileira (Matos e Enéas, 2021).

Foi na força da improvisação das ações humanas e condutas comportamentais que os laços de rede foram tensionados. Percebeu-se na pandemia, que nestes locais a fronteira da casa foi extrapolada e o território urbano ganhou o aspecto de uma casa amplificadora: a população não possuía aporte dentro das paredes de uma casa, mas se fecharam dentro de sua própria comunidade, uma grande doma. A força coletiva subverteu o panorama de sobrevivência das pessoas margeadas. As primeiras formas de improvisar, como era possível em meio ao caos, moradores e cidadãos sensibilizados organizaram vaquinhas virtuais e sites no intuito de arrecadar dinheiro ou materiais básicos para as famílias necessitadas. Somaram-se a isso as doações diretas, encontrando voz nas mídias e redes sociais para solicitar o arrecadamento de marmitas, materiais de higiene, máscaras, alimentos e roupas (ibidem). Isso reforça tanto os laços fortes, em que a comunidade encontrava nos concidadãos apoio mútuo, quanto os laços fracos, ou seja, pessoas de fora destas comunidades, que não possuíam correlação de vivência direta, criavam nas doações uma ponte ínfima de contato.

A fortificação dos laços fortes foi ganhando ainda mais rigidez com o passar da pandemia, a mobilização de apoios externos gerou uma série de ações de organização interna (Fleury e Menezes, 2021). Para a garantia da subsistência dentro das comunidades, as associações de moradores, coletivos e grupos (existentes ou criados na pandemia) mobilizaram trabalhos de múltiplas dimensões: organização interna para decidir como as doações ocorreriam; mapeamento das famílias que seriam beneficiadas; acionamento das redes de contatos externos; organização para o recebimento das doações e distribuição dos alimentos (vê-se aqui a implicação de improvisar e readequar espaços maiores para apoio); e prestação de contas (Matos e Enéas, 2021)

A sinergia em volta da necessidade de muitos lugares somados a falta de gestão governamental, irromperam em inúmeras críticas não apenas à realidade urbana e doméstica de tais lugares, mas também como as condutas durante a pandemia eram extremamente falhas sobre dados oficiais subnotificados. Até neste sentido, os coletivos precisaram organizar meios de levantamento de dados próprios, desenvolvendo sistemas de informação e monitoramento das moradias afetadas e da ocorrência de óbitos. Aconteciam pelas redes sociais, *whatsapp*, *instagram*, *facebook*, *twitter* ou de boca em boca, de porta em porta (Fleury e Menezes, 2021). A lição que isso deixa é de concentrar nas capacidades de arquiteturas digitais de hoje para estabelecer continuidades, não apenas entre sociabilidade e tecnicidade, mas entre sociabilidade, tecnicidade e conhecimento. Foi na construção do conhecimento interno, das necessidades, do mapeamento e do autoconhecimento enquanto comunidade (vide laços fracos), que permitiu-se através das arquiteturas digitais a interação social, expressão e organização (Marres, 2017).

4. Conclusões

Quando instituído o isolamento social reforçou-se o mosaico territorial fortemente desigual do Brasil. O binômio casa-cidade passou à princípio por condutas baseadas no obscurantismo ceticista e inação. Sem dúvida, a propagação da Covid-19 teve impacto em todos os níveis e escalas de planejamento e design: desde o ambiente doméstico e de trabalho ao espaço público, dos bairros residenciais às cidades, e das regiões urbanas às redes mundiais. Isto envolveu indivíduos, comunidades e organizações (Di Marino et al., 2023).

Ao passo que ficou claro o nível de precariedade de inúmeras casas, ou a falta de ter uma casa, demonstrou-se também que a casa não é suficiente para todas as atividades e estados mentais. A presença enclausurada, a presença irregular e a contra-presença refletiram na alta carga psicossomática no espaço doméstico, significando que ou a casa ou não é construída na forma de habitar ou o habitar reflete a essência de cada pessoa que não aprecia sua autoimagem. Nisso, estamos imbuídos de um meio hiper-híbrido de vivência, que reforça como o meio digital tem influenciado na nossa sociabilidade tanto no meio físico, quanto no meio digital, dificultando separar suas fronteiras de entendimento baseados na telepresença. Os impactos

são justamente nos laços sociais, tensionando estes laços - afrouxando ou apertando-os - que por fim, influenciam nas trocas sociais entre as pessoas.

Como dito anteriormente, a força dos laços, principalmente os laços fracos, depende da proximidade física. Granovetter (1973) aponta que além desta proximidade, existe um *background* macrossociológico, força econômica e fatores políticos que implicam na tenacidade destes laços. Enquanto os laços fracos durante o *home office* foram fragilizados pelo meio digital, nas comunidades precárias eles ganharam rigidez. Isso se deve justamente ao *background* citado. A principal diferença entre o exemplo dos laços fracos do *home office* e das comunidades precárias, é que na realidade das comunidades precárias, como a presença enclausurada era praticamente impossível, ainda existia proximidade entre as pessoas, mesmo com a recomendação de distanciamento. Mas a principal questão dentro desta avaliação é que a imersão no meio digital deixou marcas no binômio casa-cidade que são reflexos do capitalismo tecnicizado que se infiltrou na vida humana, mas são laços que foram desfeitos após a quarentena, fazendo-nos questionar como o meio digital cria relação de rede.

De uma cultura pandêmica baseada na ojeriza de contato físico, antes mediada entre telas, agora, após três anos de pandemia, volta-se a reatar os laços fracos. Apesar disso, vivemos em uma realidade hiper-híbrida, e apesar de em um dado momento nas últimas décadas as tecnologias de mídia digital foram redesenhadas para apoiar a interação, a conexão e o intercâmbio social, elas passaram também a fazer isso ao custo de tornar a vida social analisável e influenciável. Em vez de intensificar ou “melhorar” a vida social, as tecnologias sociais também podem corroer a sociabilidade ou degradá-la, traduzindo a sociabilidade em outra coisa, como a comercialização (Marres, 2017).

5. Agradecimentos

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelos auxílios e ao laboratório Conexão Vix.

6. Referências

AGÊNCIA BRASIL (2020). Home office foi adotado por 46% das empresas durante a pandemia. Obtido de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-07/homeoffice-foi-adotado-por-46-das-empresas-durante-pandemia>.

AGÊNCIA BRASIL (2021). Trabalho remoto foi mais recorrente para quem tinha curso superior. 2021. Obtido de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-10/trabalhoremoto-foi-mais-recorrente-para-quem-tinha-curso-superior>

BARBOSA, P. E. (2021). Presença: casa, cidade, pandemia. Revista ARA, v. 10, n. 10, p. 13-31.

BEIGUELMAN, G (2020). Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana. São Paulo: E Cidade.

BEZERRA, C. F. M., VIDAL, E. C. F., KERNTOPF, M. R., JÚNIOR, C. D. L., ALVES, M. N. T., & CARVALHO, M. D. G. (2020). Violência contra as mulheres na pandemia do COVID-19: Um estudo sobre casos durante o período de quarentena no Brasil. *Violence against women during the COVID-19 pandemic: A study of cases during the quarantine period in Brazil*. *ID on line Revista de Psicologia*, 14(51), 475-485.

CAMARGO, M. (2019). Transhabitat: imagens generativas de um habitar atópico. *Revista V! RUS*, 1(19).

CARMODY, D., MAZZARELLO, M., SANTI, P., HARRIS, T., LEHMANN, S., ABBIASOV, T., DUNBAR, R., RATTI, C. (2020). The effect of co-location on human communication networks. Obtido de <https://senseable.mit.edu/proximate/>

- DI MARINO, M., TABRIZI, H. A., CHAVOSHI, S. H., & SINITSYNA, A. (2023). Hybrid cities and new working spaces—The case of Oslo. *Progress in Planning*, 170, 100712.
- FIORI, I. M., & SCHMID, A. L. (2020). Espaços emocionais: Atmosfera e percepção espacial na arquitetura. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, 20(2), 121-132.
- FLEURY, S., & MENEZES, P. (2021). Pandemia nas favelas: entre carências e potências. *Saúde em debate*, 44, 267-280.
- GRANOVETTER, M. S. (1973). The strength of weak ties. *American journal of sociology*, v. 78, n. 6, p. 1360-1380.
- HARVEY, D. (1992). *Condição pós-moderna*. Edições Loyola.
- HILLIER, B., & HANSON, J. (1989). *The social logic of space*. Cambridge university press.
- KAUFMAN, D (2012). A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. *Galaxia*(São Paulo,Online),n. 23, p. 207-218, jun.
- LINDÓN, A. (2006). La casa búnker y la deconstrucción de la ciudad. *Liminar. Estudios sociales y humanísticos*, v. 4, n. 2, p. 18-35.
- LUCAS, L. S., ALVIN, A., PORTO, D. M., DA SILVA, A. G., & PINHEIRO, M. I. C. (2020). Impactos da pandemia de Covid-19 na saúde mental de crianças e adolescentes: Orientações do departamento de psiquiatria da infância e adolescência da Associação Brasileira de Psiquiatria. *Debates em Psiquiatria*, 10(2), 74-77.
- MARRES, N (2017). *Digital sociology: The reinvention of social research*. John Wiley & Sons.
- MARKUS, T. A., & CAMERON, D. (2002). *The words between the spaces: Buildings and language*. Psychology Press.
- MATOS, F. D. A. B., & ENÉAS, I. O. (2021). A pandemia Covid-19 nas favelas brasileiras: as estratégias de sobrevivência adotadas pela população à luz do direito autoconstruído. *Revista Jurídica da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)*, n. 3.
- SANTAELLA, L (2021). *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet*. São Paulo: Paulus.
- SCHMID, A. L.; SCHNEIDER, G. Z. (2022). Experiência do usuário no espaço de transição. Possibilidades de projeto em Curitiba PR. *Arquitextos*, São Paulo, ano 23, n. 268.06, Vitruvius, set. 2022 Obtido de <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.268/8603>.
- SILVEIRA, S. M. L., ROSSI, R. A., & DE VUONO, G. D. D. (2020). Pandemia:(mesmos) modos de morar e trabalhar. *Revista Políticas Públicas & Cidades—ISSN*, 2359, 1552.
- SOARES, B. F; BERG, L. R (2021). From Potential to Practice: Preliminary Findings on the Numbers of Workers Working from Home During the COVID-19 Pandemic. Geneva, Switzerland: International Labour Organization.
- VON BERTALANFFY, L. (1975). *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes.